



UM “PONTO FINAL” NA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Carla Isabel Mota de Carvalho

Professora Auxiliar

Universidade Lusófona do Porto

Tlfno.: 00351222073230

carlacarvalho@ulp.pt

Fecha de recepción: 4 de Septiembre de 2013

Fecha de admisión: 6 de Noviembre de 2013

ABSTRACT

The problem of maltreatment among old couples and, more globally, domestic violence has aroused the interest of current researchers.

When we focus on domestic violence, we verify that it should be analysed in the context of family changes. If, on the one hand, violence against the elderly is situated in the intricacies of family conflicts often hidden from society, then, on the other hand, the construction of the "being" in today's society is sometimes associated with undeveloped minds which lead to social violence.

Beyond the knowledge of the reality of family homes which has always remained undercover, our concern was to design strategies for intervention to help alleviate this social scourge which is even more alarming when we know we are talking about old people.

The work that we are going to present can be identified as exploratory since its main purpose is to develop, clarify and change concepts and ideas as well as to raise issues and formulate hypotheses which can be studied later on.

Keywords: domestic violence; prevention; elderly; aging; maltreatment

RESUMO

O problema dos maus-tratos conjugais nos idosos e, mais globalmente, a violência doméstica tem despertado o interesse dos investigadores atuais.

Ao focarmo-nos na violência doméstica, verificamos que esta deve ser analisada no contexto das mudanças familiares. Se por um lado, a violência contra os idosos se insere nos meandros dos conflitos intrafamiliares, muitas vezes escondidos da sociedade, por outro lado, a própria construção do “ser” na atual sociedade, associa-se a mentalidades por vezes pouco desenvolvidas que se traduzem em violência social.



Para além do conhecimento da realidade, que desde há muito permanece encoberta nos lares familiares, foi nossa preocupação traçar estratégias de intervenção para ajudar a minorar este flagelo social que se torna mais gritante quando sabemos que estamos a falar de pessoas idosas.

O trabalho que vamos apresentar pode ser identificado como exploratório, porque tem como principal intuito desenvolver, elucidar e alterar conceitos e ideias, tendo como objetivo, formular problemas ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (Gil, 1995).

Palavras chave: violência doméstica; prevenção; idosos; envelhecimento; maus-tratos.

INTRODUÇÃO

“Ui, Jesus! O que eu passei (...) ele dormia com a faca debaixo da travesseira e, quando ele estava a dormir, eu tirava-lhe o porta-moedas e tirava-lhe dinheiro pra comprar o que fosse preciso, pão prós meus filhos....foi muito tempo assim”.

Ana, 65 anos, empregada fabril.

Nos dias de hoje, o conceito de violência contempla ações e situações que, historicamente, não eram consideradas como tais. Este alargamento do conceito, embora tenha tornado visíveis formas de violência que, até então, eram aceites pela sociedade, também teve um “efeito perverso, na medida em que veio reduzir eficácia e torná-lo menos operativo para a pesquisa científica” (Lourenço & Lisboa, 1992, p. 16).

O impacto da mudança dos contextos económicos, políticos, culturais e a própria globalização ajudaram a provocar uma mutabilidade acelerada da configuração social e impôs modificações aos perfis sociais. Ora, numa sociedade problemática e complexa como aquela em que vivemos, a mudança não se caracteriza facilmente.

A sociedade em geral tem de despertar uma nova consciência de direitos humanos, incrementando novas aprendizagens, em especial, a nível cívico.

Pautamo-nos, portanto, por critérios de cientificidade e critérios de pertinência social, situando-se o nosso trabalho na ligação entre a esfera da investigação e a esfera prática, aproximando-nos assim de uma lógica de investigação – ação, metodologia que é reconhecida por diversos autores

Este trabalho permitiu-nos refletir sobre o problema da violência doméstica em geral e em particular entre e nos idosos.

A revisão bibliográfica efectuada permitiu-nos constatar a inexistência de trabalhos concretos na área em estudo. Se é certo que a bibliografia que se dedica ao estudo do envelhecimento e das pessoas idosas é vasta, a verdade é que não existe bibliografia de referência que possa servir de base ao estudo da violência doméstica entre e nos idosos. Deste modo estamos conscientes da especificidade deste assunto.

Este artigo pretende relatar uma experiência prática que surgiu após a tomada de consciência e após a participação em vários trabalhos de investigação, da realidade da violência doméstica no nosso país. Nesta primeira parte, debruçar-nos-emos sobre conceitos relacionados com a violência doméstica de um modo geral e de um modo mais particular, sobre a violência doméstica nos idosos. Pretendeu-se, com este trabalho incutir nos nossos jovens a responsabilidade de sensibilizar a comunidade em geral para este fenómeno, pois em nosso entender, não deve ser uma tarefa apenas dos governos, mas também de toda a sociedade e deve começar desde muito cedo a fazer parte da consciência do ser humano.



Representações da velhice

A velhice é uma questão cultural e social, fortemente condicionada por um conjunto de fatores de origem económica, política, filosófica, religiosa e cultural, onde os indivíduos acabam por estar vinculados a um sistema de valores que marcam, de certa forma, a sua maneira de estar. Para Alba (1992, p.31), “la vejez es un estado excepcional ante el cual caben, al parecer, dos actitudes: el respeto o la eliminación. El primero há sido más frecuente que la segunda.”

A cada uma destas expressões, velhice e terceira idade, corresponde, histórica e socialmente, uma definição e uma forma de intervir na velhice.

Partindo destas reflexões, é importante referir que o envelhecimento é um processo universal que afecta não só o indivíduo, mas também a sua família, a comunidade onde está inserido e a sociedade em geral.

Perante o envelhecimento demográfico, a sociedade civil tem vindo a organizar-se e a criar condições para poder acolher um número crescente de idosos, sendo, paulatinamente, criadas respostas sociais para apoiar esta população. A grande maioria destas respostas é executada pelas Instituições Particulares de Solidariedade Social, instituições privadas sem fins lucrativos.

Ao longo dos tempos, a velhice nem sempre foi vista com respeito, havendo momentos, até, de desvalorização do ser humano, enquanto pessoa idosa. Em algumas sociedades primitivas, o respeito pelo velho depende dos recursos da comunidade. De acordo com (Minois, 1999, p.24), “o homem velho, sem forças, sem fortuna e sem filhos, sente-se à beira do desprezo ou, pior ainda, é encarado como um flagelo”.

A prevalência do envelhecimento difere, dentro da mesma sociedade, ao longo do tempo histórico, entre os países industrializados e em vias de desenvolvimento e ainda entre indivíduos e grupos de uma mesma sociedade.

Segundo Paul (1997, p. 10), “o envelhecimento é um processo cujo resultado é óbvio, mas cujo mecanismo permanece desconhecido”. A esperança de vida das espécies é determinada geneticamente. O Homo Sapiens é aquele que tem a maior esperança de vida das espécies, nomeadamente, das espécies mais próximas, os primatas não humanos. É, pois, um processo complexo com ritmos e diferenças significativas, desde o nascimento até à morte. A vida desenvolve-se em sucessivas etapas, onde é manifesta a ação do tempo sobre o indivíduo (Rodrigues, 1979).

Envelhecer faz parte do percurso natural da vida humana. “É muito difícil defini-lo, mas, fácil reconhecê-lo. É uma fase da vida, por isso não pode ser evitado” (Quintela, 1995, p. 21). O envelhecimento começa com a concepção do ser, desenvolve-se durante toda a vida e atinge o seu limite na morte (Muñoz, 2002, p.19)

É importante salientar que, embora seja uma fase previsível da vida, o processo de envelhecimento não é, geneticamente, programado. Não existem genes que determinam como e quando envelhecer. Há, sim, genes variantes cuja expressão favorece a longevidade ou reduz a duração da vida (Harman, 199, p. 260).

O acto de envelhecer difere muito de pessoa para pessoa e é influenciado por factores intrínsecos à própria pessoa, tais como a hereditariedade, o sexo e factores inerentes ao meio, como hábitos alimentares e de higiene. O organismo humano tem um período de crescimento rápido e estabilidade relativa, como todo o ser vivo e vai perdendo eficiência biológica à medida que passa o tempo (Fernández-Ballesteros, 2000).

De acordo com Fernandez-Ballesteros (2000), para melhor se definir a velhice, devemos ter em conta a distinção entre idades, para ultrapassar a existência de uma idade psicológica, biológica e social. Para a autora, ambas as teorias estão carregadas de estereótipos, por exemplo, no que se refere à idade psicológica, “um estereótipo muito comum é aquele que distingue o idoso do jovem pela rigidez da sua personalidade” (Idem: 40), esta é “definida como a relação que existe entre a idade cronológica e as capacidades, tais como a percepção, aprendizagem e memória, as quais prenciam o potencial de funcionamento futuro do indivíduo (Netto, 2006, p.9).



A Violência Doméstica

Etimologicamente, violência deriva do latim *violentia*, que tem na sua raiz a palavra *vis*, que significa força, vigor.

Podemos, então, afirmar que a violência é o exercício do poder que pode ser utilizado para resolver conflitos interpessoais e para exercer a vontade de alguém (Corsi, 2001). A violência, nas suas distintas modalidades, pretende eliminar a oposição que se apresenta ante o exercício do poder, mediante o controlo da relação e por meio do uso da força, de modo a obter do indivíduo o que ele não quer livremente.

Este termo, como conceito estudado, só foi considerado a partir do século XVIII, possibilitando o reconhecimento das distintas formas de violência (como, por exemplo, a violência física, psicológica, moral, política, entre outras) (pais, 1996, P.31) e facilitando o estudo deste fenómeno. Reportando-nos à definição apresentada na Recomendação nº. 85 do Conselho da Europa, verificamos que a violência é considerada como “ (...) qualquer ato ou omissão que ponha em perigo a vida, a integridade corporal ou psíquica, ou a liberdade de uma pessoa ou que comprometa gravemente o desenvolvimento da sua personalidade”.

Nos dias de hoje, o conceito de violência contempla ações e situações que, historicamente, não eram consideradas como tal. Este alargamento do conceito tornou visíveis formas de violência que, até então, eram aceites pela sociedade como coisa perfeitamente natural (Martins & Carvalho, 2009).

É que a violência “aprende-se essencialmente através do processo de socialização de género e ante a inexistência de estratégia de resolução de conflitos” (Martins & Carvalho, 2006, p.252), o que significa que, “como afirmam alguns investigadores, não se nasce violento, mas aprende-se a sê-lo” (Carvalho; Magalhães; Alonso; Melo; Castello-Branco, 2013, p. 21)

Segundo, Martins e Carvalho (2009, p. 327), “a violência de género, a violência doméstica e a violência familiar são termos utilizados como similares, uma vez que não existem critérios comuns para definir cada um deles”.

Por Violência Doméstica entende-se então um comportamento violento ou um padrão de controlo coercivo exercido, direta ou indiretamente, sobre qualquer pessoa que habite no mesmo agregado familiar (e.g., cônjuge, companheiro/a, filho/a, pai, mãe, avô, avó), ou que, mesmo não coabitando, seja companheiro ou ex-companheiro.

Qualquer pessoa pode ser vítima de violência doméstica, independentemente do sexo, da idade, escolaridade, situação económica e profissional, condição social, orientação sexual, cultura ou religião, o que também é válido para os agressores.

Tendo em conta a opinião dos autores Carvalho; Magalhães; Alonso; Melo e Castello-Branco (2013, p. 21) “a desigualdade estrutural entre os homens e mulheres, os rígidos e diferenciados papéis que ambos devem desempenhar (...) servem para fundamentar e consolidar as relações violentas”.

De acordo com Martins e Carvalho (2009, p. 320), “o isolamento e a solidão passam a ser inevitáveis para muitos idosos, como consequência negativa para a saúde física e mental dos mesmos. Fatores demográficos, comportamentais, psicológicos e outros, estão na base destes problemas”.

Os idosos são uma realidade importante nas sociedades contemporâneas, existindo uma crescente preocupação e uma maior consciencialização para as problemáticas que lhes dizem respeito.

Estudos internacionais comprovam que a violência contra os idosos ocorre com mais frequência, no âmbito familiar.

De acordo com Nelson (2002), há referência em estudos sobre os maus-tratos, em países ocidentais, de que 4 a 6% dos idosos têm sido maltratados no domicílio. É ainda, apresentada pelo mesmo autor uma pesquisa realizada nos EUA, onde refere que 36% do pessoal de enfermagem registaram pelo menos um incidente de maus-tratos físicos, em idosos, por ano.



Em Portugal, nos últimos 12 anos, mais de 11300 idosos, a grande maioria mulheres, foram vítimas de violência doméstica, um número que tem vindo a aumentar todos os anos, revelam as estatísticas da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Em 2010, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou 356 crimes de violência doméstica contra idosos, número que subiu para 1479 em 2012, um aumento de quase 76%.

Chavez (2006) demonstra que 90% dos casos de maus-tratos acontecem nos seus lares e ainda que 2/3 dos agressores são filhos e cônjuges. Contudo e segundo SáncheldelCorral (2003), os maus-tratos podem ainda assumir outras formas, além das enumeradas, daí os ter definido como:

Qualquier acto u omisión que produzca daño, intencionado o no, practicado sobre personas de 65 y más años, que ocurra en el medio familiar, comunitario o institucional, que vulnere o ponga en peligro de autonomía o el resto de los derechos fundamentales del individuo, contable objetivamente o percibido subjetivamente.

No entanto, estas formas não esgotam as razões pelas quais o maltrato é pouco referido. Fornecem-nos, sim, razões fundamentadas que merecem muita atenção social e educativa por parte de todos os profissionais, cujo trabalho passe pelo contacto com os mais frágeis (idosos, crianças e cidadãos portadores de deficiência).

Tendo em conta um estudo desenvolvido, nesta região (Oliveira de Azeméis e Vale de Cambra) entre 2004-2008, muitos dos idosos vivem o casamento como um compromisso ao qual não podem pôr termo, visto que, este foi planeado pelos pais que o viam como um contrato onde prevalecia o dinheiro, as propriedades rurais e/ou o reconhecimento social (Skynner; Cleese, 1990), ao contrário do que atualmente acontece, onde “o amor e a felicidade tornaram-se centrais”, porque, na sociedade ocidental existe cada vez mais uma preocupação de o amor e a paixão serem o principal setor na escolha do companheiro, (Dias, 2004, p.45). Este compromisso, é imposto também ao nível religioso uma vez que, o fizeram quando estes idosos casaram e segundo, a amostra, tida em conta na investigação mencionada, quase todos, os idosos casaram pela Igreja Católica, prometeram “amarem-se e respeitarem-se, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, até que a morte os separasse”. Daí que, ao nível conjugal, os idosos e não só, sofram, por vezes em silêncio os vários tipos de maus-tratos, que podem assumir diversas formas, tais como, física, emocional, psicológica, sexual e económica e que normalmente é desenvolvida, pelo homem, com vista a perpetuar a intimidação, o poder e o controlo do agressor sobre o cônjuge maltratado. Estes surgem muitas vezes de forma inexplicável, fazendo com que o agredido não tenha noção de quando ocorrerá o maltratado, uma vez que este pode acontecer de forma arbitrária.

Dentro das razões associadas aos contextos familiares e sociais do agressor, não podemos nunca esquecer que, a grande maioria destes homens, encara a mulher como uma propriedade pessoal (Pagelow, 1988). Muitas vezes, assume os atos de violência e domínio quando está alcoolizado e/ou desempregado. Mas o álcool é sem dúvida um elemento muito presente nestas famílias. Como sabemos, o álcool provoca no organismo uma sensação falsa de leveza e bem-estar e causa desinibição. O alcoolismo é um dos principais fatores para a agressão verbal, agressão física, agressão sexual e psicológica. Neste estudo, verificamos que a grande maioria das agressões são feitas sob o efeito do álcool. Na verdade, muitas vezes o álcool é utilizado como desculpa para a violência e para a diminuição da responsabilidade pessoal. Porém, parar de beber não os faz parar de serem violentos.

Infelizmente uma realidade, não visível só na população mais idosa, mas na população vítima deste fenómeno.

A pessoa maltratada é vista como uma pessoa desprotegida e que as suas características psicológicas e comportamentais devem ser vistas, não como uma causa do maltrato, mas sobretudo como o seu resultado (Dias, 129).



Tendo a noção clara de que convivemos diariamente com evidências claras de inovação, com êxitos e sucessos diversificados, com práticas que fazem a diferença, com situações, projetos e exemplos que nos fazem acreditar que é possível melhorar os processos e resultados sociais. Assim, é nossa convicção que a sociedade em geral tem de despertar para uma nova consciência dos direitos humanos, incrementando novas aprendizagens, em especial, a nível cívico, incluindo neste campo da violência doméstica.

Por isso, muito provavelmente mais do que impor mudanças em momentos determinados, justifica-se hoje a criação de uma dinâmica permanente, num processo de inovação contínua, baseada na criatividade e nas capacidades da pessoa para (re) criar e retificar objetivos e modalidades de ação, acreditando que o percurso pode ser lento, mas as metas serão atingidas.

Um olhar prático sobre a Violência Doméstica

Nesta perspetiva, à Santa Casa da Misericórdia de Oliveira de Azeméis pareceu da maior pertinência e utilidade trabalhar na lógica da prevenção, visto que entendemos que Portugal não tem uma estratégia de prevenção definida, aplicada e ativa de prevenção primária.

Com a colaboração dos alunos de Design do Agrupamento de Escolas Soares de Basto (Ano lectivo 2012-2013), da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis e da Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, desenvolveu uma campanha de sensibilização/informação, ao nível do município de Oliveira de Azeméis, sobre o fenómeno da VD tendo, no seu âmbito, sido elaborados, pelos alunos cartazes, flyers, marcadores de livros, spots informativos e um filme, todos alusivos ao tema em geral, com a particularidade de retratarem também a violência nos idosos e contra o idosos.

O filme – com o título da campanha, “Ponto Final” (Ilustração 6) - foi alvo de sensibilização no meio escolar, tendo ao longo do 3º período, sido visionado por todas as turmas do Agrupamento e grupos excluídos da sociedade oliveirense.

No que toca aos cartazes, foram criados vários para distribuição e afixação em locais públicos, esperando-se que os que se reproduzem neste pequeno trabalho sejam suficientemente impressivos.

Deve referir-se, a propósito, que foram as alunas participantes nesta ação que deram rosto aos cartazes, o que tem a ver com a coragem em dar a cara por esta causa e não com os mitos associados a este fenómeno. Na verdade, apesar de muitas vezes se dizer que “somente as mulheres são vítimas da violência doméstica”, os homens também o são e as estatísticas em Portugal revelam que, apesar de as mulheres serem as maiores vítimas, tem havido um aumento do número de queixas por parte dos homens às forças de segurança.

Quanto a outros suportes, devemos referir que o flyer, da ilustração 2 (em baixo) foi o primeiro a entrar na casa dos oliveirenses, acompanhando a fatura da água (ilustração 5), havendo de repetir-se a ação nos meses de Agosto (Ilustração 3) e Setembro (ilustração 4) de 2013 com outros cartazes criados para esta campanha.

Também os marcadores de livros (Ilustração 1) – de que se apresentam alguns exemplos – estão distribuídos em vários locais, pretendendo-se chegar, sobretudo, à comunidade escolar. Mas não só.

De fato, com o objetivo de chegarmos com a informação a toda a comunidade e utilizando os mais diversos meios de comunicação, esta campanha tem sido alvo de interesse por parte dos jornais locais e regionais (Voz de Azeméis, Correio de Azeméis e Diário de Aveiro) e ainda partilhado nas redes sociais.

Na verdade, sabemos que se trata de um fenómeno que se mantém muito escondido, pela vergonha social que a sua revelação acarreta. Por isso, é nosso objetivo, e apesar de este projeto estar ainda em fase embrionária, desenvolver outras ações, pois acreditamos que sem ajuda profissional, designadamente das autoridades policiais e dos trabalhadores sociais, os agressores irão continuar a perpetuar a violência, que, normalmente, tem tendência para se agravar, quer em frequência quer em intensidade.



Ilustração 1



Ilustração 2



Ilustração 3



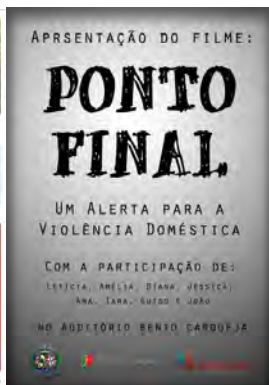
Ilustração 4



Ilustração 5



Ilustração 6





CONCLUSÃO

A violência pode ser encontrada em qualquer lar e em qualquer lugar. As vítimas pertencem a ambos os sexos, a todas as faixas etárias e a todas as classes sociais.

A violência doméstica não é uma questão privada. É um crime público - aliás consagrado na lei; é uma questão de cidadania. Divulgar os crimes perpetrados pelo agressor é um dever social.

No seguimento das teorias levadas a cabo pelo pós-modernismo, onde as grandes narrativas teóricas estão ultrapassadas, exigindo-se agora narrativas limitadas no tempo, no espaço e na situação e, porque estamos perante um vastíssimo universo quando falamos de violência doméstica, o nosso estudo limitou o seu âmbito à violência conjugal entre idosos em dois concelhos no interior norte do país. Dentro deste contexto, foi nossa intenção procurar perceber como sobrevivem estas mulheres e estes homens ao lado do agressor, aquele com quem escolheram viver.

O presente trabalho teve por objectivo apresentar de forma exploratória uma questão ainda pouco discutida junto da comunidade escolar: a violência doméstica em geral e em particular nos idosos. Torna-se necessário que esta questão seja percebida na sociedade como um problema social a ser enfrentado por todos.

Para ajudar a combatê-la, a intervenção assume uma grande importância, na medida, em que surge, para alterar práticas e comportamentos, reflectindo sobre a violência e os seus impactos negativos. Ou seja, pretende-se ajudar homens e mulheres a reconhecer os custos do comportamento abusivo e assim motivar a mudança. Foi esse o nosso grande objectivo no estudo que levamos a cabo.

Dos nossos resultados, podemos verificar que muitos destes jovens desconheciam as várias formas que a violência assume e que muitos deles revelaram conhecer o problema porque se consideram vítimas e até mesmo agressores.

Perante este cenário, torna-se imperativo romper com o véu do silêncio que muitos têm sobre o assunto e sensibilizar a população para a temática. É nossa convicção que este fenómeno tem raízes culturais que só podem ser alteradas com mudança de mentalidades.

Como apontamento final, este trabalho foi a nível pessoal muito enriquecedor, na medida em que constituiu um primeiro olhar aprofundado sobre a violência doméstica em meio escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alba, V. (1992). *Historia Social de la Vejez*. Barcelona: Leartes.
- Chavez, N. (2006). *ViolenceAgainstElderly* [consulta a 14 de Abril de 2006].
<<http://www.health.org/referrals/resguides.asp>>
- Carvalho, Carla; Magalhães, Carla; Alonso, Hugo; Melo, Márcia; Castello-Branco, Raquel (Set-2013). *Plano Municipal Contra a Violência Doméstica 2013-2015*. Porto: Câmara Municipal do Porto
- Corsi, J. (2001). *Violencia familiar. Una mirada interdisciplinaria sobre un grave problema social*. Buenos Aires: Paidós.
- Dias, I. (2004). *Violência na família – Uma abordagem sociológica*. Porto: Afrontamento.
- Fernández-Ballesteros, R. (2000). *Gerontologia Social*. Madrid: Psicología Pirâmide.
- Gil, A. (1995). *Como elaborar um projecto de pesquisa*. S. Paulo: Publicações Atlas.
- Harman, D. (1992). Free radical theory of aging. *Mutation research*, 275, 257-266.
- Lourenço, N. & Lisboa, M. (1992). *Representações da violência*, 2, Lisboa: Gabinete de Estudos jurídico-Sociais.
- Martins, Alcina. & Carvalho, Manuela (2006) *A violência doméstica por detrás do abandono escolar*. UniversitatTarraconensis. *Revista de Ciències de L' Educació*. XXX (III), 249-259
- Martins, Alcina & Carvalho, Carla (2009). No crepúsculo da vida. Um olhar sentido sobre a violência conjugal. *UniversitatTarraconensis. Revista de Ciències de l' Educació*. Any XXXIII, III época, 319-337.



- Minois, G. (1999). História da Velhice no Ocidente. Lisboa: Teorama.
- Nelson, D. (Outubro 2002). Violence against elderly people: a neglect problem. *Lancet*, 360, 369-394.
- Netto, M. (2002). Gerontologia – A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada. S. Paulo: Editora Atheneu.
- Pagelow, M. (1988). Marital Rape. In B. Vicent. V. Hasselt et. al. (eds.). *Handbook of Family Violence*. (pp. 207-231). New York: Plenum Press.
- Paúl, M. (1997). Lá para o fim da vida. Idosos, família e meio ambiente. Coimbra: Almedina
- Quintela, M. (1995). O processo de envelhecimento – Dar saúde aos anos – contributos para a promoção de saúde e qualidade de vida do idoso. Lisboa: Câmara Municipal de Loures.
- Rodrigues, A. (1979). Estudos em Psicologia Social. Petrópolis: Vozes
- SánchezdelCorral, F. (coord.) (2003). “Malos tratos a personas mayores. Aportación española a los avances internacionales en la adaptación lingüística y cultural de un instrumento de detección de sospecha de maltrato hacia personas mayores”. Madrid: Ministerio de trabajo y asuntos sociales.
- Skynner, R. & Cleese, J. (1990). Famílias e como sobreviver com elas. 3ª ed. Porto: Afrontamento.



International Journal of Developmental and Educational Psychology

Familia y educación: aspectos positivos

INFAD, año XXV
Número 2 (2013 Volumen 1)

© INFAD y sus autores
ISSN 0214-9877